

A FRANQUEIRA

ÓRGÃO DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA
APROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.^a REV.^{ma} O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

C. M. B.
BIBLIOTECA

Redacção :
Rua da Madalena, 6 — BARCELOS

Director e Editor :
PADRE BONIFÁCIO LAMELA

Administração :
R. Infante D. Henrique, 2 a 8
Tel. 8280 - BARCELOS

Composição e Impressão :
Tip. da Oficina de S. José - BRAGA

Propriedade da Confraria de Nossa
Senhora da Franqueira

ASSINATURAS | Anual 6\$00
De beneficiários 10\$00

Consagração do Concelho de Barcelos ao Sagrado Coração de Maria e comemoração do Tricentenário da Consagração de Portugal à Imaculada Conceição

Acção Católica

É o movimento providencial para restaurar a vida cristã nos grandes centros e bem assim nas populações rurais. A santa Igreja considera o apostolado da Acção Católica, o mais necessário, o mais urgente dos tempos actuais.

Havemos de ouvir a voz do Vigário de Cristo, devemos escutar o apêlo do venerando episcopado e alistarmo-nos nas fileiras deste já numeroso exército que trabalha na dilatação do reino de Deus. Não basta procurar cada um a perfeição cristã; temos obrigação de concorrer para tornar conhecida e vivida a doutrina do Evangelho, única que engrandece e nobilita a natureza humana. É para que a nossa cooperação seja eficaz, convem seja ordenada e dirigida por um Comando único que tenha recebido do Alto a missão de ensinar e apascentar as almas. Ora a Hierarquia já traçou o plano e já nos indicou a maneira de exercer as actividades em todos os sectores sociais. Para os jovens a Juventude Católica, para as raparigas a Juventude Católica Feminina, para os homens a Liga dos homens católicos, para as mulheres a Liga das mulheres Católicas.

Fazemos parte de algum destes organismos? Ajudamos e louvamos os organismos já existentes na nossa paróquia?

Lembre-mo-nos sempre que a Vinha do Senhor tem necessidade de muitos trabalhadores, precisa de zelo e canceiras dos verdadeiros cristãos, precisa de almas que irradiem amor e caridade e por conseguinte não podemos agradar a Deus, cruzando os braços e deixando crescer as ervas daninhas.

Ocupemos o nosso posto na Acção Católica, certos e convictos que é uma obrigação e um dever actual.

B. L.

Visado pela Censura

No dia 10 de Agosto, próximo vai fazer-se, pela voz do ilustre Presidente da Câmara Municipal, a consagração do Concelho de Barcelos ao Sagrado Coração de Maria.

Esse solene acto será realizado na presença de todas as autoridades e entidades representativas do Concelho e com a assistência de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. Arcebispo Primaz e de todos os Párcos das nossas freguesias.

A consagração será feita aos pés da veneranda e secular Imagem da Padroeira dos Barcelenses, Nossa Senhora da Franqueira.

A Santíssima Virgem da Franqueira descerá do seu santuário no domingo, 4 de Agosto, em procissão de velas, que percorrerá as ruas da cidade. Estão já a organizar-se comissões nas ruas da cidade por onde passa a procissão de velas, para a ornamentação de todo o percurso.

A recepção à Padroeira vai ser brilhantíssima. É a nossa Protectora e Mãe que vem a Barcelos receber a consagração pública e oficial dos filhos pelos quais vela há séculos e séculos.

A Senhora da Franqueira fica até ao dia 11 de Agosto na Igreja Matriz, onde haverá diferentes e luzidos actos piedosos e práticas diárias, por distinto orador sagrado.

No dia 10 de Agosto sai magestosa procissão de Nossa Senhora, que será recebida no salão nobre da Câmara Municipal, com a solenidade devida a visitante distinto, para receber a consagração de Barcelos e de todo o seu vasto e histórico Concelho, à Padroeira de Portugal.

Momento solene, pomposo, emocionante. Terá a grandiosidade dos grandes actos. Barcelos, no melhor da sua representação oficial e particular, em gesto unânime e dedicado de todos os seus filhos — cristãos e patriotas — marcará a sua presença, que ninguém pode faltar. A cidade em-

(Continua na 4.^a página)

VIA-SACRA

No dia 17 de Março passado, realizou-se, como anunciamos, a Via-Sacra na Franqueira sendo feita nesse domingo pela representação da freguesia de Milhazes.

Muita assistência, para cima de 600 pessoas, das quais, 300 homens, na sua sua maioria de Milhazes.

Espírito piedoso, recato e ordem absoluta, eram as notas dominantes em todos os assistentes.

Finda a Via-Sacra, o Rev. Sr. Pároco de Milhazes entrou na Ermida da Franqueira, ajoelhando aos pés da Senhora, a quem agradeceu publicamente, em palavras quentes e comovidas, os favores dispensados a sua mãe, que há pouco sofreu grave doença, terminando por agradecer comparência dos paroquianos à Via-Sacra, a que assistiram na sua grande maioria.

Pena foi que o mau tempo e a Procissão de Passos em Barcelos, com o adiamento havido, tivessem impedido a realização da Via-Sacra nos domingos 24 e 31 de Março, que pertenciam às freguesias de Gilmonde e Carvalhal. Mas de certo que os Rev.^{os} Párcos das respectivas freguesias fizeram o piedoso acto nas suas Igrejas paroquiais, dada a impossibilidade accidental de subirem à Franqueira.

O passado domingo, 7 de Abril coube à freguesia de Faria, cuja notícia faremos no nosso próximo número.

O último domingo da quaresma, o domingo de Ramos, pertenceu à freguesia de Pereira e a informação desta Via-Sacra dá-la-emos também no próximo número.

Em todos fica a melhor impressão, é geral o agrado, pelo que nos anos próximos futuros se continuará a realização da Via-Sacra, na Franqueira.

Aqui se registam os agradecimentos da Confraria, e do seu Juiz e vice-Arcipreste, Rev. Sr. Cónego Joaquim Alexandre Gaiolas, aos muito dignos e zelosos Párcos das freguesias que realizaram a Via-Sacra e a todos aquêles que, não olhando a sacrifícios nem a dificuldades, concorreram com a sua presença para o bom resultado de tão piedoso acto.

Prezar-se alguém a si mesmo é iníquo de honestidade. Rapazes e raparigas que verdadeiramente se prezam esforçam-se por seguir princípios rectos, bem definidos, e por se guiar pelos ditames da consciência na qual reconhecem a voz de Deus.

Esses jovens têm por vileza cometer, ainda mesmo em segredo, qualquer acção deshonrosa, e portam-se em toda parte com a correcção que observariam diante de alguma alta personagem com quem tivessem de tratar. Estejam em casa ou na rua, na escola, universidade, emprêgo ou no hotel ou comboio, em toda a parte e para com todos usam a mesma cortezia singela, o mesmo á vontade sem trivialidade, a mesma dignidade sem soberba. Quem se preza tem a coragem das suas convicções e — se lho ditar o sentimento do dever — adere a uma causa, considerada impopular, de preferência a curvar a espinha e adoptar algum ponto de vista dúbio que lhe traria os aplausos da maioria. Quem se respeita, respeita o seu semelhante; não desce a deslealdades e batotas (não só nos jogos de cartas e desportos, como no jogo da vida); não se apressa a atribuir ao próximo intuitos ruins. Por outro lado evita escandalizar a opinião pública, no que ela tem de respeitável, ou escravizar-se à moda, no que ela tem de baixo e de ridículo, recusando assim seguir — qual outro carneiro de Panúrgio — os que atribuem à dita moda a prerrogativa de poder acabar com a decência e o bom gosto.

Escusado será dizer que o respeito próprio, supõe, em quem o possui, força de carácter acima do vulgar. Há muito quem exponha destemidamente o peito às balas do inimigo, e se acobarde ante as setas do ridículo e do escárnio. É preciso às vezes mais coragem para defender uma ideia ou praticar algum acto de religião ante as zombarias dos camaradas do que para tirar-se à água e salvar a vida de alguém, com aplauso de todos os que nos vêm.

Por duas vezes foi O'Connell desafiado em duelo, e da primeira aceitou o desafio, batendo-se contra d'Esterre, a quem involuntariamente matou. Expôs a vida, de certo; mas fê-lo contra as suas convicções de católico e só por obediência à pervertida opinião pública dessa época. A' segunda provocação, O'Connell recusou bater-se. Debalde o escarneceram e o alcunharam de cobarde. O grande caudilho irlandês não se deixou vencer e arrostou, animosamente e sem perder a tranquillidade e a alegria, com o tolo preconceito da maioria. De qual das vezes, pergunta-se, mostrou este homem illustre mais varonil coragem?

Em 1811 Napoleão convocou grande número de altos dignatários e expôs-lhes o que tencionava decretar sobre as relações da França com a Santa Sé. Quase todos os membros da assembleia aprovaram o projecto do im-

perador, a pesar de contrário aos interesses e à própria independência do Sumo Pontífice.

Só um homem se levantou para contrariá-lo. Esse homem foi o Padre Emery, superior geral dos Sulpicianos, o qual defendeu com boas razões a causa do Santo Padre, o que sobresaltou os outros membros e os levou a exprimir por olhares e gestos a sua desaprovação. Finda a reunião, esses senhores pediram desculpa da imprudência do seu colega; mas, qual não foi a sua surpresa e confusão quando ouviram o imperador elogiar a franqueza e a coragem apostólica do sacerdote.

Oposto à virtude do respeito pró-



prio, existe o bem conhecido vício do respeito humano. Consista naquela baixa condescendência, pela qual — ou por medo de ofender, ou para adquirir a estima alheia — o homem faz ou diz o que sabe estar em contradição com a sua consciência. É impossível exagerar a influência perniciosa que semelhante cobardia moral exerce na humanidade, particularmente sobre a juventude, tão facilmente impressionável.

Antes de se tornar, pela conversão, um dos mais admiráveis modelos da humanidade, Santo Agostinho foi grande pecador. Em seu célebre livro "Confissões", o Santo conta-nos a influência que o respeito humano teve no seu espírito para o levar a praticar o mal, e diz:

"Ao ouvir contar aos meus companheiros as acções ruins que tinham praticado, envergonhava-me de ser menos perverso. Comprazia-me, não só em escutá-los, mas também em louvar os seus desmandos. Para que não deixassem de me estimar, fazia-me ainda peor do que era; e, quando acontecia não ter pecado tanto como outros desgraçados, costumava dizer que fizera o que não tinha feito, para não lhes parecer desprezível, na medida em que me achassem inocente."

Deus estabeleceu no coração do homem o tribunal sagrado da consciência. Os que, porém, consentem no respeito humano representam o papel de Pilatos, esse famoso contemporizador, que pronunciou sentença, não em conformidade com a evidência dos factos mas para obedecer servilmente aos clamores da multidão.

Quem se deixa escravizar pelo respeito humano não passa de fantoche, de porta-voz dos outros, e sucede frequentemente querer alguém agradar a todos e não agradar a ninguém.

Quando Tulo Hostílio, rei de Roma, se preparava para batalhar com duas tribus vizinhas, o chefe da cidade de Alba, Mécio Sufécio, que era ostensivamente aliado de Roma, quis ver se poderia ganhar de qualquer maneira. Informou, portanto, secretamente o inimigo que o socorreria, assim que o combate começasse. Conservou-se porém, de lado, com as suas tropas, a ver para que lado pendia a vitória. Quando percebeu que Tulo levava a melhor, o velhaco albanês correu sobre os vencidos que já iam em debandada e apresentou-se depois a cumprimentar o rei de Roma. Mas Tulo, sabedor da sua duplicidade, mandou que o atassem a quatro cavalos que, ao serem largados, o esquartejaram. A perfídia de Mécio Sufécio, e o horroroso castigo a que o condenaram constituem bom exemplo da hesitação e inquietação do contemporizador, cuja alma está constantemente imersa em dúvidas e conflitos, no empenho que tem de agradar a todos.

O escravo dos tempos antigos tinha às vezes por senhor, o homem violento e tirânico. Todavia tinha apenas um. Mas o escravo do respeito humano anda sujeito a tantos senhores quantas são as pessoas que encontra e cujas censuras teme ou cuja amizade corteja. Sacrifica então ao medo o cumprimento do dever e a dignidade própria. Quão lamentável é ver homens, inteligentes e naturalmente bem formados, mostrarem-se tímidos diante de outros, que lhe são inferiores em tudo, excepto em desfaçatez, e que intimamente desprezam, mas cujo escárnio não têm ânimo para suportar.

Da "Cruzada do Rosário."

Onde sepultaram o alcaide Nuno Gonçalves de Faria?

Advertência ao Sr. José Correia Landolt

Em pedaços a gente enfurecida
O corpo ali lhe deixa, e com mão dura
Lhe nega a sepultura merecida,

Fácil he a perda aqui da sepultura.

Camões, ELEGIAS, ed. 1874, pág. 44.

Foi a 24 de Fevereiro de 1373, (1) dia consagrado pela Igreja à Festa do seu Apóstolo S. Matias, que Nuno Gonçalves de Faria exalou o último suspiro trespassado de muitas espadas e lanças pelos verdugos furiosos que o cercavam.

A massacrada vítima era filha de Gonçalo Fernandes de Faria, da terra ou julgado do seu apelido, onde viveu nos reinados de D. Diniz e D. Afonso IV, e neta de Fernão Peres de Faria, rico-homem da casa del-Rei D. Afonso III, que confirmara nas escrituras reais do seu tempo e fora Alcaide-mór de Miranda por este monarca.

Nuno Gonçalves de Faria casou duas vezes.

Em primeiras núpcias com D. Teresa Gonçalves de Meira, filha de Gonçalo Pais de Meira, alcaide-mór de Ponte do Lima e senhor de Colares e outras terras, morador na rua de Santa Bárbara (depois chamada do Castelo) em Guimarães; e, em segundas núpcias, com D. Constança Afonso.

Teve progénie do primeiro matrimónio e do segundo não consta dos Nobiliarios que a houvesse, por ser de idade madura quando repetiu o seu casamento.

Foram seus filhos e de D. Tereza Gonçalves de Meira, o primogénito Gonçalo Nunes de Faria, seguindo-se a D. Tereza de Meira Faria e a Alvaro de Faria ou Alvaro Gonçalves de Faria.

Nuno Gonçalves de Faria, o bom escudeiro, na frase de Fernão Lopes (*Crónica de El-Rei D. Fernando*, pág. 289), tinha o Castelo de Faria por El-Rei D. Fernando (*Carta de 21 de Março de 1367*) e o senhorio da terra de Milhais (Milhazes) por doação do mesmo monarca (*Carta de 29 de Maio de 1369*), vivendo no reinado deste e no de seu pai, D. Pedro I, o Justiciero.

A socorrer o Conde de Ceia D. Henrique Manoel, partiu do seu castelo com a gente mais forte e mais válida para o encontro com os castelhanos na terra de Neiva, mas quando chegou já a derrota era completa no exército português, e ficou prisioneiro de D. João Rodrigues de Viédma, capitão que comandava na vanguarda.

Encobriu-lhe o desastre a cordilheira dos montes da Porfela (Penedo do Ladrão), porque a batalha se dera do outro lado e no logar escuso de *Echáte* (Feitos).

Viu mortos e feridos dos amigos e parentes, sendo já cativo seu cunhado Fernão Gonçalves de Meira, do contingente de Guimarães.

Assistiu também a enterrar os mortos no campo da ação, onde se chama hoje a *Fonte dos Mortos* e a tradição localiza a batalha.

Apresentado ao adiantado da Galiza D. Pedro Rodrigues Sarmiento, prometeu dar sem derramamento de sangue o seu Castelo de Faria, que deixara entregue na ausencia ao filho Gonçalo Nunes, e se fosse entrevistado com ele, reconheceria a D. Henrique, de Castela, por soberano e senhor daquela fortaleza.

Proseguimento

— dos —

Melhoramentos na Franqueira

Como no dia 11 de Agosto próximo a Franqueira vai receber ilustres visitantes e grande multidão de fieis, por motivo da consagração do Concelho e da comemoração oficial dos Barcelenses pelo tricentenário da consagração nacional, à Virgem Imaculada, a Mesa da Confraria vai mandar proceder a diversos arranjos, para que o local bem impressione o visitante.

De entre outros trabalhos, vai mandar tapar o buraco entre o lado norte do monumento e a muralha, com o indispensável proseguimento de alguns muros, nessa parte; arranjo da Igreja e altares; beneficiações na pousada, cuja conclusão fará, se fôr possível, etc.

A Mesa vai dirigir circulares aos Barcelenses dedicados, solicitando a sua cooperação e auxílio.

Esta sua promessa ardilosa, para salvar a Pátria, iludiu o adiantado da Galiza.

Entrevistando-se com o filho, e já chegado aos muros da barbacã, recomendou-lhe resistencia obstinada, dizendo que o dever de um leal alcaide é nunca trair a fé jurada, antes morrer honradamente pela Pátria, tropeçando no seu cadáver o inimigo, se porventura tomar o Castelo de Faria.

Barbaramente caiu morto e foi espezinhado dos algozes em seguida.

Tão canibalesco espectáculo, viram de cima dos muros Gonçalo Nunes, seus irmãos e a madrastra D. Constança Afonso, todos com as lágrimas nos olhos, pungente dôr no coração e logo lhe encomendaram a alma a Deus para a sua salvação eterna.

Onde foi depois enterrado o cadáver de Nuno Gonçalves, primeiro morto... seguindo-se-lhe outros mais?

Certamente que em cova aberta nas imediações, do castelo, buraco fundo e atulhado de pedras onde todos passassem por cima dele!...

O tratado de paz de Santarém entre D. Fernando, de Portugal, e D. Henrique de Castela, fez levantar o cerco e os sitiados recuperaram a liberdade, buscando as suas aldeias vizinhas.

Com eles (assim o devemos acreditar) D. Constança Afonso, Gonçalo, Teresa e Alvaro, tornaram para o seu Paço, nas abas do monte da Franqueira, que ficava a poucos metros distante da igreja velha de S. Romão de Milhais, onde sempre iam à missa, assistiam às prédicas religiosas e à festa do orago S. Romão, mártir, de Antióquia, a 18 de novembro.

Nesta igreja, devia também possuir sepultura privativa a nobre família dos Farias, do Paço, de Espézes, atendendo a ser a principal do logar, freguesia e julgado.

E considerando o exposto, a lógica induz-nos à conclusão de que Nuno Gonçalves de Faria, esse grande herói de 1373, foi trasladado do monte para a igreja de S. Romão de Milhazes, quando existente no logar da Pena, e que desapareceu depois com a sua mudança para onde hoje se encontra.

Bento Antas da Cruz.

(1) César Anjo, *Diário da Fátima*

Emquanto, na capital, o exército português se defendia das arremetidas do castelhano, um corpo de tropas constituído por numerosa peonagem e cavaleiros, sob o comando do Adiantado da Galiza, Pedro Rodrigues Sarmiento, atravessara o rio Minho e talando campos e incendiando povoações, viera até às proximidades de Barcelos.

D. Henrique Manoel, Conde de Ceia e tio el-rei D. Fernando, saíra ao encontro do Adiantado, comandando um pequeno exército constituído por homens de armas e forças enviadas pelos concelhos do Porto e de Guimarães. A peleja foi rija e os actos de extremada bravura praticados pelos portugueses não evitaram a derrota.

O alcaide-mór do Castelo de Faria, Nuno Gonçalves, que saíra com reduzida hoste em socorro do Conde de Ceia, foi feito prisioneiro e os seus soldados desbaratados.

Na ausencia do esforçado Alcaide, foi confiada a defesa do Castelo a seu filho Gonçalo Nunes.

Suspeitava Nuno Gonçalves que seu filho, com limitados meios de defesa e vendo-o cativo, entregasse ao Adiantado o Castelo em troca da sua liberdade. Prometeu então o valoroso Alcaide, inclita figura da velha lealdade portuguesa, a Pedro Rodrigues Sarmiento.

As ruínas do Castelo de Faria

A estrada que parte da falda do Monte, até ao Convento, é bastante ingreme e de infeliz traçado. Mais amplo e suave é o lanço que segue do Convento e leva ao cume da Franqueira.

Pouco caminho andado, ladeando a cerca fradesca, a esta estrada vem ligar-se, à direita, um ramal que conduz a um outeiro que se destaca do maciço da Franqueira.

Gigantescos blocos graníticos defendem, pelo nascente, o acesso a este cabeço onde se encontram as ruínas do Castelo de Faria.

O panorama que se descobre do cimo das muralhas desmanteladas do histórico Castelo, relíquias venerandas de altos feitos de antanho, é grandioso e um dos mais belos do norte de Portugal.

STABAT-MATER

Ei-la só a Virgem languida,
Rôla viuva gemendo;
Ei-la, a mãe, nos braços tendo
O filho do infindo amor;
O filho chagado, exânime;
O filho que é luz, que é vida,
Que lhe deixa a alma partida
Na soledade da dor!

Ei-la junto à Cruz, patíbulo
Donde seu filho pendera;
Ai! Como a triste lhe dera
Mil vidas, todas de amor!
Mas vê já aberto o túmulo,
Lá cai a pedra tombada...
E fica mais desgraçada
Na soledade da dor!

João de Lemos.

Inauguração

Como foi anunciado, fez-se a inauguração da «Casa do Rapaz», no passado dia de São José, 19 de Março.

Os rapazes assistiram à santa Missa, às 8 horas da manhã, na Capela de S. José, onde também comungaram.

Ao meio dia foi-lhes fornecida refeição melhorada, com doce à sobremesa, associando-se, em sala ao lado, os pupilos da escola de formação agrícola «Colónia de São José», que funciona, vai para dois anos, na vizinha freguesia de Vila Frescaíña S. Martinho.

Às 15 horas, no salão de festas do Círculo Católico, o Rev. Snr. Padre Avelino, fundador e director geral da «Obra», fez a sua anunciada conferência, a que presidiu um representante do Snr. Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, e falaram os já conhecidos Snrs. Dr. Gonçalo de Araújo e João Baptista, ouvindo-se também a palavra fluente e autorizada do distinto poeta, Snr. António Baptista, que, como os restantes oradores, recebeu fartos aplausos da numerosa e selecta assistência.

«A Franqueira» agradece a gentileza do convite recebido para tão simpática festa.

Consagração do Concelho de Barcelos

(Continuação da 1.ª página)

bandeirará, os sinos dos campanários de todas as igrejas concelhias repicarão festivamente, a alegria será a preocupação geral dos corações puros e sinceros rejubilando de contentamento.

E a Senhora da Franqueira — nossa protectora há já perto de um milénio — aceitará — jubilosamente, não duvidamos — a nossa consagração, sincera, dedicada, total.

Terminado esse grandioso e histórico acto, a procissão recolhe à Igreja Matriz, onde o Santíssimo Sacramento ficará exposto durante toda a noite de 10 para 11, em vigília de adoração.

A todos que desejem ficar em Barcelos para o domingo serão facultados locais e alojamentos para pernoitarem.

No Domingo — 11 de Agosto — sai da Igreja Matriz de Barcelos a Peregrinação anual do Arciprestado de Barcelos à Franqueira, esperando-se que Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo Primaz se dignará presidir.

Na Franqueira, à chegada da Peregrinação, Missa Campal, sermão, invocações e bênção do Santíssimo Sacramento, fazendo-se lá em cima a comemoração da passagem do Tricentenário da Consagração de Portugal à Imaculada Conceição.

Está nomeada uma comissão representativa do Concelho para a realização das festas, cujo programa definitivo e detalhado esperamos poder anunciar no nosso próximo número.

13 DE MAIO

Lemos que neste dia, dedicado a Nossa Senhora da Fátima, S. S. o Papa Pio XII se dirigirá, pela rádio e em português, aos fiéis de Portugal.

Desta cidade deslocam-se hastantes pessoas a Fátima, para se encorporarem na grande peregrinação nacional, seguindo também com esse fim a Secção local da J. O. C.

Graças

Serafim da Silva Maciel, de Barcelos, agradece à Senhora da Franqueira o bom êxito de uma operação a que se submeteu, oferecendo lhe, por intermédio do mordomo, Sr. Eduardo Correia Landolt, um relógio.

— Também pelo bom resultado de uma operação, na pessoa de Maria Emília Lopes Pereira, vieram agradecer à Senhora da Franqueira diversas pessoas, entre as quais o Sr. António Esteves Ribeiro Barbosa, esposa e sogra.

— Manuel Cândido Gonçalves e família, de Barcelos, vieram também após da Virgem Santíssima da Franqueira trazer uma lembrança e agradecer-Lhe as bênçãos dispensadas a sua sogra, no desenrolar de grave doença que a acometeu e de que está sensivelmente melhor.

— José da Silva Brito Gonçalves e mais diversas pessoas, de Remelhe, vieram agradecer favores da Senhora do Fastio.

— Anacleto Araújo Ribeiro cumpriu uma promessa por um seu filho.

Dosso primeiro aniversário

Completa hoje um ano — o primeiro — o nosso mensário, cuja publicação se iniciou em 15 de Abril de 1945.

Um ano decorrido, que aliás bem pouco é, permanece o mesmo o nosso intuito inicial, o rejuvenescimento das Confrarias e o prestígio e desenvolvimento da Franqueira, a Joia de Barcelos.

Neste dia, de certo querido a todos os nossos, «A Franqueira», saúda os seus prezados amigos, assinantes e colaboradores.

Todo o Vale do Cavado, tela de encantadora beleza, exuberante de luz e de côr, é enquadrado, pelas longinquas serranias do Gerez, que se prolongam, para o norte, numa linha de montanhas até terminar no Oceano.

A extensa faixa de mar, que vai de norte a sul, desde o Monte de Santa Luzia, até para lá do Monte de S. Felix, é recortada pelo casario alvejante das povoações que se espalham pela costa.

Na eminencia deste cabeço o Castelo de Faria, forte e inexpugnável, com a sua torre de menagem recortando no azul do céu o denteado das ameias, e defendido por três cinturas de muralhas, dominou, durante séculos, o extenso Vale do Cavado.

Mais velho que Portugal, pode atribuir-se a origem deste Castelo às recuadas eras dos reis de Leão.

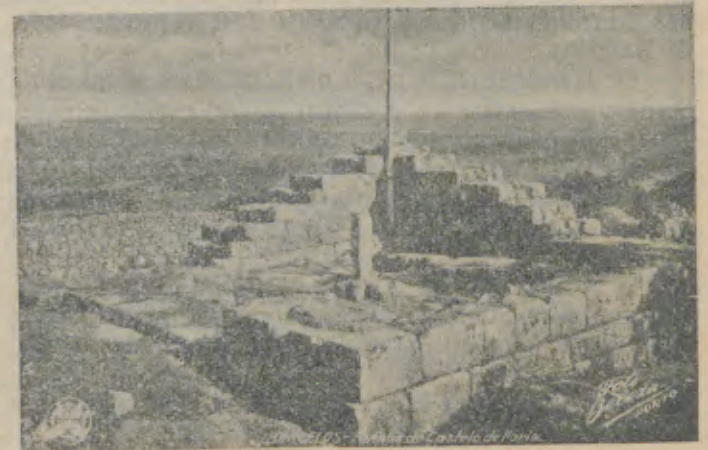
Os fundamentos, que vincadamente se apresentam, assentaram sobre um castro romano que veio ocupar uma povoação castreja pré-romana.

D. Afonso Henriques, com o seu leal aio Egas Moniz, algumas vezes demorou neste Castelo real da Idade Média.

E as pedras denegridas pelos séculos testemunham uma das páginas mais brilhantes da História Pátria:

Corria o mês de fevereiro do ano de 1373 e as hos-

tes de Henrique II de Castela haviam invadido a Terra Portuguesa e Lisboa assediada, procurava defender-se do ataque inimigo.



D. Fernando, o rei formoso, tinha transformado, uma vez mais, o reino em campo de luta inglória e adversa às armas portuguesas.